

A gestão do dinheiro em casais com filhos. Um estudo com entrevistas diádicas ao casal

Lina Coelho¹

¹ Centro de Estudos Sociais e Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, Portugal.
lcoelho@fe.uc.pt

Resumo. Gerir o dinheiro é uma parte relevante das dinâmicas de decisão económica intrafamiliar. A literatura mostra que, embora a maioria dos casais afirme partilhar o controlo e a gestão do dinheiro, outras modalidades são possíveis, incluindo as dominadas por um dos conjugues e as que possibilitam autonomia individual de decisão. Trata-se, contudo, de uma temática difícil de abordar pelos casais o que suscita dificuldades metodológicas várias. Neste artigo mostramos como uma metodologia qualitativa (entrevistas diádicas a casais) permite enriquecer o conhecimento sobre o tema e contribuir para superar algumas das principais limitações das abordagens que auscultam individualmente os membros do casal. O estudo apresentado recorreu a 42 entrevistas diádicas a casais heterossexuais com filhos, salvaguardando diversidade de estatutos socioeconómicos e pertença a diferentes configurações conjugais e familiares.

Palavras-chave: finanças conjugais; metodologia; entrevistas diádicas conjuntas; papéis sociais de género.

Money management in couples with children. A study led through dyadic interviews to the couple

Abstract. Money management in couples is a relevant part of intra-family economic decision-making. The literature shows that control and management of money are shared in most couples. But other arrangements are found, including those dominated by one of the spouses and those denoting individual autonomy. Being a difficult issue to address by couples, the research on money in marriage faces several methodological difficulties. This paper shows how a qualitative methodology (dyadic interviews with couples) might enrich the knowledge about the theme while also contributing to clarify some of the perplexities found in studies using methods that collect data individually. The study comprises 42 dyadic interviews to heterosexual couples with children, assuring diversity of both socioeconomic status and conjugal and family configurations.

Keywords: Money in marriage; methods; dyadic simultaneous interviews; gender roles.

1 Introdução

A gestão do dinheiro pelos casais tem sido tema de pesquisa das ciências sociais nas últimas décadas. Parcela relevante da decisão económica intrafamiliar, o interesse pela temática acompanhou a crítica à conceção tradicional da família enquanto *unidade* de decisão económica, no âmbito da qual todas as pessoas partilhariam equitativamente os recursos e o bem-estar decorrente do seu uso (Haddad & Kanbur, 1990). Embora seja de esperar que, na família, as lógicas de cooperação prevaleçam sobre as de competição, tal não significa ausência de interesses e motivações individuais diversos. Como tal, as interações intrafamiliares podem gerar desigualdades no acesso aos recursos e no seu uso e, consequentemente, no bem-estar individual e na própria satisfação com a relação conjugal.

A pesquisa tem-se centrado num objeto de estudo preciso – casais heterossexuais em famílias nucleares –, procurando caracterizar as modalidades de gestão e suas possíveis determinantes económicas, sociais e culturais, incluindo as representações sociais sobre casamento e papéis de género (Ashby & Burgoyne, 2008; Burgoyne et al., 2007; Heimdal & Houseknecht, 2003; Kenney, 2006; Laporte & Schellenberg, 2011; Oropesa, Landale & Kenkre, 2003; Pahl, 1995; Vogler & Pahl, 1993, 1994; Vogler, Brockmann & Wiggins, 2006, Yodanis & Lauer, 2007). Os resultados mostram que

a maioria dos casais junta o dinheiro, gerindo-o em conjunto. Esta modalidade de gestão é sintónica com a representação dominante do casamento enquanto comunhão, partilha e cooperação.

Mas a temática do dinheiro tem-se provado difícil de abordar para os casais, pelo que os métodos habitualmente usados para obtenção de dados resultam num número assinalável de respostas que não correspondem às práticas efetivas, antes manifestando interpretações idiossincráticas de cada conjugue ou o viés da deseabilidade social (Bennett, 2013; Cantillon, 2013; Nyman *et al.*, 2013; Kirchler *et al.*, 2001). O recurso a metodologias diversas mas complementares permite minorar estas dificuldades bem assim como esclarecer o seu significado e implicações.

Este artigo ilustra o potencial das entrevistas diádicas conjuntas a casais para a compreensão e aprofundamento do tema. Estudos com dados obtidos por inquérito evidenciaram contradições e incoerências na informação prestada pelos conjugues (Coelho, 2013) e uma propensão do/a respondente ao inquérito para se assumir como responsável pela gestão do dinheiro familiar (Ferreira-Valente & Coelho, 2016; Ludwig-Mayerhofer *et al.* 2011). As entrevistas diádicas conjuntas permitem identificar circunstâncias e fatores que explicam e atribuem significado aquelas regularidades, bem assim como revelam dimensões e complexidades não perceptíveis nos resultados dos estudos por inquérito ou entrevista individual.

Nos pontos seguintes enquadra-se o tema com base na literatura e caracteriza-se o método e sua aplicação. Os principais resultados são apresentados e discutidos. Breve conclusão finaliza o artigo.

2 A gestão do dinheiro pelos casais – questões metodológicas

A literatura tem usado como referencial analítico uma tipologia (Pahl, 1983, 1989) que prevê quatro principais modalidades de gestão e controlo do rendimento familiar pelo casal. São elas as seguintes. A *gestão integral*, em que um parceiro entrega o seu salário ao outro, geralmente reservando uma pequena parte para despesas pessoais; o outro parceiro adiciona-lhe o eventual rendimento próprio, e é responsável pela gestão. A *mesada para governo da casa*, em que um parceiro dá ao outro uma mesada fixa para as despesas do dia-a-dia, reservando para si a gestão do restante. A *gestão conjunta*, em que o casal põe todo (ou quase todo) o rendimento em comum, tendo idêntico acesso a ele e gerindo-o em conjunto. A *gestão independente*, em que cada um gere autonomamente o seu próprio rendimento, e é responsável por diferentes categorias das despesas comuns.

Os resultados de estudos em diferentes países mostram forte predomínio da gestão conjunta (Pahl, 1989, 1995, 2008; Vogler & Pahl, 1993, 1994; Vogler *et al.*, 2008; Burgoyne *et al.* 2007; Coelho, 2013; Coelho & Ferreira-Valente 2016; Heimdal & Houseknecht, 2003; Kenney, 2006; Ludwig-Mayerhofer *et al.* 2011; Nagy *et al.*, 2012; Oropesa *et al.* 2003; Vogler *et al.* 2006, 2008). Enquanto o controlo total pelo homem tem vindo a perder importância, a gestão independente tem aumentado (Pahl, 2008). Ou seja, a maioria dos casais relata idêntico poder de decisão sobre o dinheiro e apenas uma minoria declara maior poder do homem ou, menos ainda, da mulher. Mas os resultados mostram também que as mulheres gerem sobretudo quando o dinheiro é escasso (Vogler, 1998; Pahl, 1995).

Contudo, a maioria dos estudos sofre de limitações metodológicas pelo facto de recorrer a inquérito e/ou entrevista individual, adotando a tipologia acima referida. Embora as tipologias constituam uma ferramenta útil para a compreensão de fenómenos complexos, elas são representações esquemáticas e simplificadas da realidade, como reconhece a própria Jan Pahl ao afirmar que as categorias desta tipologia representam apenas pontos, num *continuum* de uma infinita variedade de modalidades de gestão, e só respeitam a famílias nucleares com filhos dependentes (Pahl, 1983). Mas, acrescenta, diversos estudos prévios sustentam a sua validade para o Reino Unido. Inere-se pois que uma classificação de comportamentos num pequeno número de categorias mutuamente exclusivas envolve perdas de informação e que a sua validade para sociedades e arranjos familiares

diversos requer testagem específica. Nesta sequência, são de admitir especificidades distintas nas sociedades do Sul e Leste europeus relativamente aos países anglo-saxónicos, nomeadamente em consequência da importância relativa de famílias multigeracionais (Iacovou & Skew, 2011).

Mas as dificuldades metodológicas decorrem também da natureza do assunto abordado já que “as práticas financeiras dos casais são tão secretas como as suas vidas sexuais” (Pahl, 2000), significando que este é um assunto difícil de abordar para os casais, o que os pode conduzir a fornecer informação falsa ou desvirtuada (Kirchler *et al.*, 2001). Os métodos de obtenção de dados são pois críticos para a investigação (Cantillon, 2013; Nyman *et al.*, 2013). Nos casos em que apenas um dos cônjuges é inquirido, os resultados podem resultar enviesados (Cantillon, 2013) porque o homem e a mulher têm representações ou interpretações diversas sobre o papel que cada um desempenha nas decisões (Vogler *et al.*, 2008) ou porque cada um tende a assumir um papel conforme com uma visão favorável sobre si próprio e/ou em conformidade com critérios de desejabilidade social. De facto, quando os cônjuges são inquiridos separadamente é frequente darem respostas diversas, ou mesmo contraditórias (Bennett *et al.*, 2010; Coelho, 2013). A combinação de dados recolhidos a nível individual ou ao nível do indivíduo e da família (representada por um dos seus membros) pode produzir retratos imprecisos sobre o fenómeno em análise (Ashby e Burgoyne, 2008; Bennett, 2013; Evertsson e Nyman, 2012; Coelho, 2013). Assinale-se, a propósito, que se tem encontrado forte correlação estatística entre o sexo do respondente ao inquérito e o sexo do cônjuge declarado responsável pela gestão do dinheiro familiar. Ou seja, homens e mulheres tendem a identificar-se a si mesmos como a pessoa que gere (Ludwig-Mayerhofer *et al.* 2006; Coelho & Ferreira-Valente, 2016). Nem mesmo os registos por diário - que minoram a interferência externa do entrevistador porque recorrem a autorrelato diário de cada cônjuge - impedem desconformidades. No Estudo por Diário de Viena (Kirchler *et al.*, 2001) cerca de um terço dos relatos individuais sobre discussões do casal mostraram-se diversos, muitas vezes em conformidade com estereótipos socialmente desejáveis, já que a influência e o benefício próprios tenderam a ser subestimados em favor da influência e do benefício do parceiro. A desejabilidade social é, pois, um problema a ter em conta, qualquer que seja o método de recolha da informação (Bennett, 2013).

Acresce que a informação de larga escala é quase sempre pontual e estática, sendo raros os inquéritos longitudinais que cobrem esta temática. Eventuais alterações na gestão do dinheiro associadas à evolução do ciclo de vida (nascimento dos filhos, sua saída de casa, reforma, etc.) ou de crises pessoais ou familiares (doença, desemprego, etc.) não podem assim ser apercebidas.

As dificuldades metodológicas enunciadas aconselham pois a utilização de métodos diversos, e complementares, incluindo a auscultação e observação de ambos os membros do casal e sua interação. O estudo que aqui apresentamos insere-se nesta perspetiva, ao recorrer a entrevistas diádicas conjuntas a casais, as quais propiciaram uma análise mais aprofundada e problematizadora do que a possibilitada por inquérito prévio, no âmbito do mesmo projeto de pesquisa.

3 Metodologia

3.1 Entrevistas diádicas conjuntas ao casal

Neste estudo realizaram-se entrevistas conjuntas a casais sobre suas práticas e vivências, incluindo a gestão do dinheiro familiar. Embora o objetivo inicial fosse complementar a entrevista conjunta com entrevistas individuais, a dificuldade em encontrar casais disponíveis para esta dupla abordagem levou-nos a ficar apenas pelas entrevistas simultâneas a ambos os parceiros conjugais.

As entrevistas diádicas são um método inerentemente relacional cujo seu potencial analítico incide no estudo de fenómenos relacionais (Bjørnholt & Farstad, 2014; Eisikovits & Koren, 2010)

envolvendo relações entre pares como, por exemplo, casais, irmãos, pais e filhos, melhores amigos, pacientes e seus cuidadores (Allan, 1980; Mauthner, 2000; Morris, 2001; Torge, 2013).

As entrevistas a díades podem seguir diferentes combinações: separadas mas simultâneas; separadas e em diferentes ocasiões; conjuntas; combinando conjuntas e separadas (sobre vantagens e desvantagens de cada opção ver Eisikovits & Koren, 2010). De entre estas, as conjuntas têm como vantagens simplificar a coleta de dados e melhorar a adesão dos potenciais entrevistados (Morris, 2001). Elas permitem captar quer as percepções compartilhadas pelo casal, quer as perspectivas individuais sobre as experiências comuns, reduzindo assim as limitações da informação obtida em auscultações individuais (Allan, 1980; Morris, 2001; Torge, 2013). Os dados sobre a interação e as características da relação dificilmente se obtém através de outros métodos. Uma entrevista conjunta possibilita, por exemplo, que os parceiros confirmem/infirmem as respostas uns dos outros, continuem/desviem a linha de pensamento do outro, questionem o outro, expressem pontos de vista diferentes ou antagônicos, etc. (Allan, 1980). Estas interações permitem aperceber em que medida as perspectivas individuais coincidem e até que ponto a díade partilha de um quadro conjunto convergente (ou não) (Eisikovits & Koren, 2010; Morris, 2001; Taylor & de Vocht, 2011). Podem, assim, captar-se interdependências, aspetos qualitativos da vida familiar e características da própria relação que tenderiam a ficar obscurecidos em abordagens individuais. Podem ainda obter-se informações sobre questões divergentes e problemáticas, sobre dinâmicas de negociação e de poder e sobre os processos de decisão de cada casal (Heaphy & Einarsdottir de 2012; Torge, 2013).

Contudo, esta opção metodológica não é isenta de limitações. Há um risco de enviesamento da amostra, já que casais com relacionamentos conflituais ou conturbados podem estar menos disponíveis para uma entrevista conjunta. Assim, alguns aspetos de desacordo ou conflito conjugal podem resultar sub-representados (Torgé, 2013). Além de que a informação pode ser menos verdadeira do que a obtida em entrevistas individuais por motivos vários: um dos parceiros domina a entrevista; os parceiros evitam opiniões pessoais, que sabem causar conflito, ou questões problemáticas ou estressantes (Allan, 1980; Heaphy & Einarsdottir, 2012; Morris, 2001; Taylor & de Vocht, 2011). Mas, por outro lado, em entrevistas conjuntas os conjugues contestam, questionam, discordam e, muitas vezes, não poupam comentários negativos ao outro (Bjørnholt & Farstad, 2014; Torgé, 2013). Logo, as entrevistas conjuntas não podem considera-se menos informativas do que as individuais porque nestas os entrevistados também tendem a apresentar-se de forma positiva ou conforme a representações socialmente desejáveis. (*ibidem*).

3.2 Descrição do Instrumento de Análise

Adotou-se o formato de entrevista semiestruturada, para o que se construiu um guião cobrindo os temas de interesse, com base na revisão da literatura. A versão inicial do guião foi testada através de seis entrevistas exploratórias. Estas permitiram identificar as respostas às questões mais relevantes na narrativa dos casais e enquadrá-las no modelo analítico. Não tendo sido detetada necessidade de ajustamentos significativos no guião inicial, aquelas 6 entrevistas foram integradas na amostra final.

O guião contemplou: a) as trajetórias pessoais e os modos de construção da família; b) a vida familiar (rotinas, divisão do trabalho doméstico e parental, sociabilidades, etc.); c) as práticas de gestão do orçamento familiar; d) os impactos da crise económica na vida pessoal e familiar; e e) as estratégias adotadas para lidar com esses impactos. Neste quadro, os casais puderam falar livremente sobre os temas que propostos mas outros temas também foram surgindo.

Parte dos voluntários tinha já respondido a um questionário no final do qual se inquiria da disponibilidade para colaborar noutras tarefas da pesquisa. Em caso afirmativo, pedia-se um meio de

contacto (telefone ou e-mail). Os restantes casais foram recrutados através de colaboradoras de pesquisa, formadas para o efeito, que abordaram os casais descrevendo as finalidades e o método do estudo (entrevista conjunta gravada em áudio) e pediram a sua colaboração. Em caso de resposta afirmativa, pediu-se um contacto que foi enviado à equipa de investigação. Quando estabelecido contacto, os casais foram novamente informados sobre os objetivos e o método da entrevista. Obtido consentimento informado, as entrevistas foram programadas em função das disponibilidades do casal e da entrevistadora (em termos de calendário e de local). Antes do início da entrevista conjunta, foi recolhido um consentimento informado adicional.

A maioria das entrevistas ocorreu na habitação (77,5%) ou no local de trabalho (10%). A duração média foi 77 minutos. As entrevistas realizaram-se entre Outubro de 2014 e junho 2015.

3.2 Caracterização dos participantes

Participaram no estudo 42 casais heterossexuais com filho(s) a cargo (de qualquer idade). A seleção assegurou diversidade nas práticas de gestão do dinheiro, localização geográfica, estado civil (casamento/coabitação), tipo de família (recomposta/não recomposta) e situação socioeconómica. Estudo prévio revelou correlação estatística significativa entre os modelos de gestão e estas variáveis (Coelho & Ferreira-Valente, 2016). O número de entrevistas foi determinado em função de critérios de variabilidade e saturação da informação, conformes com a literatura (Guest *et al.*, 2006).

Os conjugues tinham idades entre 27 e 53 anos (homens: $M = 40.8$, $SD = 6.2$; Mulheres: $M = 39.7$, $SD = 5.1$). A maioria era casada (80,0%), com coabitação de 1 a 29 anos ($M = 14.4$, $SD = 7.7$). Mais de metade (52,5%) tinha 2 filhos; 37,5% apenas um; 10% tinha 3 ou 4 filhos. Em 7 casos os filhos tinham entre 18 e 29 anos, e noutros 6 casos 1 dos filhos era maior de idade. Apenas 15% pertencia a famílias recompostas. Quatro agregados domésticos incluíam pelo menos um dos progenitores de um conjugue e, em 2 casos, uma madrinha idosa e um irmão adulto, respetivamente.

O nível de escolaridade dos participantes é bastante diversificado: 25% das mulheres e 32,5% dos homens tinham escolaridade igual ou inferior ao 1º ciclo; 17,5% tinham concluído o 3º ciclo; 30% dos homens e 20% das mulheres tinham concluído o ensino secundário; 20% dos homens e 37,4% das mulheres tinham diploma superior. A maioria dos casais era homogâmico na educação (52,5%) mas, dos restantes, 37,5% das mulheres tinham escolaridade superior ao seu companheiro.

A maioria dos casais tinha duplo emprego (90%). Entre os restantes, quatro homens estavam desempregados, em comparação com apenas uma mulher. Só três mulheres eram donas de casa.

3.4 Análise dos dados

As entrevistas foram transcritas e os nomes dos participantes alterados. Foi construída uma grelha de categorias para análise dos conteúdos, com base no guião de entrevista, após análise exploratória do conteúdo das seis primeiras entrevistas. A análise foi realizada utilizando o *software* MAXQDA.

4 Resultados

Os resultados confirmam que as entrevistas conjuntas *penetram* na realidade do casal, possibilitando acesso a interações e processos não captados em entrevistas ou inquéritos individuais.

Nos agregados familiares multigeracionais a participação de outros adultos, que não o casal, na gestão do dinheiro, configura uma realidade distinta, complexa, que apela a análises específicas. É o caso da Diamantina e do Dionísio, que coabitam com os pais dela, partilhando encargos e decisões.

DIAMANTINA. A economia é partilhada. Nós pagamos as contas... E os meus pais põem comida na mesa. Portanto, nós pagamos água, luz, tudo das despesas da casa, a renda... E eles compram a comida, sim. No dia-a-dia. (...) DIONÍSIO. A mãe comprou um carro para ela praticamente, porque o pai já não conduz... Se for preciso levá-los a algum lado é ela que os leva. Mas é o carro dela, do dia-a-dia... (...) Assim aqui em casa, aqui em casa funciona com eles [os pais dela]... Olha, está aqui uma conta: deixa estar, que pago eu esta conta, compra tu roupa para os miúdos. Funciona assim, um bocadinho... (E33: ajudante de ação direta em lar de terceira idade, 36 anos; grampeador, 38 anos; 2 filhos, 9 e 6 anos).

Já no caso da Firmina e do Filipe, os filhos, adultos mas ainda dependentes, intervêm no processo de decisão, quer esta lhes diga respeito (a sua educação) ou não (a frequência do ginásio pela mãe).

FIRMINA. Falamos mesmo os quatro. FILIPE. Todos experimentaram o carro... Experimentámos mais do que um... Depois discutimos a situação, qual é que havia de...ser. E então foi... Foi decidido por todos. FIRMINA. Não, é sempre, é. Normalmente é reunião conjunta. Nós apresentamos o problema, naquele caso é um problema, é um custo acrescido... E depois tentamos, entre os quatro, arranjar a solução. FILIPE. Já com a decisão das universidades deles, dos tempos de estudo... (...) FIRMINA. Eu ainda tinha ponderado quando isto começou assim a estar um bocadinho mais equilibrado... Fizemos também um Conselho Familiar (risos)... FIRMINA. O tal Conselho... Digo assim... Olhem filhos, estou a pensar ir para o ginásio... (E6: técnica superior, 40 anos; membro das forças de segurança, 51 anos; 2 filhos, 23 e 24 anos).

No que diz respeito às modalidades de gestão do dinheiro, a análise do discurso dos conjugues e/ou da sua interação durante a entrevista permitiu perceber que a categoria em que se autodeclararam nem sempre correspondia às práticas efetivas. Por exemplo, confirmou-se que a mulher tende a gerir o dinheiro em situações de baixo rendimento familiar. Mas, em pelo menos dois desses casos, apesar do discurso da mulher ser, todo ele, formulado na primeira pessoa no que às decisões de gestão diz respeito, ambos os conjugues afirmaram partilhar a gestão por igual.

ALZIRA. Quando não tenho, pago para o mês que vem... Quando não tenho, por exemplo, não paguei a água... Foi ele pagar, depois, pelo multibanco, meteu lá o dinheiro e teve que pagar pelo multibanco. ARMINDO. Mas é sempre por débito direto. (...) ALZIRA. Tenho duas... Eu tenho conta-ordenado porque é de onde vem o ordenado, não é? E tenho a outra conta da casa... Porque normalmente o ordenado é para a casa... (...) ALZIRA. Agora não compro nada! Pode avariar que eu não compro nada! ARMINDO. E temos para comprar! ALZIRA. O quê? ARMINDO. O forno. ALZIRA. Oh, está bem! Mas não estou a precisar dele! ARMINDO. Às vezes é preciso, não é? ALZIRA. Está fora de questão! (...) ARMINDO. É unânime, o que se precisar falamos... Vamos ver... Se der para comprar, compra-se... Se não der... ALZIRA. Se der para pagar tudo de uma vez, pago... Se não der... Eu, por exemplo, comprei a máquina de lavar a pronto e o frigorífico foi a prestações. (E39: empregada de café, 44 anos; pintor da construção civil desempregado, 44 anos; 2 filhos, 18 e 12 anos).

DAMIÃO. Temos só uma conta. DORES. Conta de quê? De banco? DAMIÃO. A conta do trabalho. DAMIÃO. É conjunta, é. DORES. É conjunta. (...) ENTREVISTADORA. E quem é que costuma fazer os pagamentos? Compras de supermercado, a água...DORES. Somos os dois. DORES. Sim água, luz, supermercado e farmácias. Porque eu gasto muito dinheiro com o meu marido... Ele tem bastantes problemas de saúde... (...) Quando me falam em dinheiro eu... Às vezes boto a mão a cabeça, nem sei bem o que... Para que lado é que me hei-de virar, porque são dois filhos que eu tenho... (...) Tenho faturas em atraso, algumas. Algumas e... (...) Vou liquidando sempre a mais atrasada e sempre a última... (...) Faço assim porque se não... (suspiro) é muito duro. Muito complicado... (E18: doméstica, 42 anos; cordoeiro, 53 anos; 2 filhos gémeos, 6 anos).

As situações de gestão independente confirmaram-se minoritárias. No entanto, no caso do Domingos e da Dulce, a independência revelada e afirmada com veemência por ele, que dominou a conversa, não foi igualmente afirmada por ela. Ela sublinhou, aliás, que “o grosso é ele”, cabendo-lhe a si despesas menores, associadas aos tradicionais papéis femininos (despesas com as crianças, higiene,

alguns artigos para a casa, ...). A desigual titularidade do rendimento individual, o registo paternalista do discurso masculino (ela “*tem a continha dela*”), e o seu conteúdo, apontam para uma situação de domínio masculino (do tipo gestão integral pelo marido) e não para a independência que o marido se esforça por afirmar (“*Equilibra, porque às vezes ela diz: Ah, hoje eu pago*”). Mas a dominação masculina resulta especialmente evidente quando ele explica que a mulher lhe “*pediu*” um dia extra de empregada doméstica e, como consequência, ela passou a pagar-lhe (anteriormente era ele).

DOMINGOS. As contas são separadas. DULCE. Separadas. DOMINGOS. Ou seja, ela tem a independência dela... Tem a continha dela... Claro que quando é preciso eu dou... Quando é preciso ela dá-me. Já aconteceu várias vezes. Nessa altura que eu estava a falar com... ENTREVISTADORA. Mas então o que é que paga cada um? Disseram que pagavam coisas diferentes... DOMINGOS. Eu pago o grosso... Tudo o que é contas de casa, compras... Tudo o que é... DULCE. Renda... Tudo. É ele. DOMINGOS. Tudo... Gasolina. Tudo o que é passeios, portanto, pagar viagens, estadias, tudo comigo... Viagens de avião, por exemplo, vamos à [local] agora, para a nossa casa, duas semanas em julho... Portanto, tudo o que é passeios, viagens, etc., eu pago. Restaurantes... DULCE. O grosso é ele. DOMINGOS. Equilibra, porque, às vezes, ela diz: Ah, hoje eu pago. Pronto... Ela paga... DULCE. Mas o grosso é ele. DOMINGOS. O grande grosso sou eu... DULCE. Portanto, as despesas fixas relacionadas com a casa, despesas de casa, compras... É ele. DOMINGOS. À senhora, já és tu que pagas agora... À senhora, para limpar. Antes era eu... DULCE. Eu agora estou a pagar... DOMINGOS. Ela agora, como pediu um dia extra para ir à roupa, passou a ser ela a pagar. DULCE. À mulher-a-dias sou eu que estou a pagar... DOMINGOS. Antes era eu que pagava. DULCE. Tudo o que seja roupa... Calçado... Tudo o que seja roupas, calçados de crianças, produtos de higiene, alguns produtos para casa e não sei quê... Sou eu. DOMINGOS. O grosso, claramente, sou eu. Se fizer um orçamento, se calhar, noventa por cento das despesas sou eu que arco com elas. (E22: técnica superior, 43 anos; gestor, 43 anos; 2 filhos, 9 e 11 anos).

Noutro caso, a sequência do discurso revela que a declarada gestão partilhada encontra o seu limite em casos de discordância de opiniões. Nas decisões em que há desacordo o domínio masculino fica patente no critério de desempate: a força física de cada um.

BIANCA. Sim. Eu tenho o cartão da conta dele... Ele tem o cartão da minha conta. Ambos... Estamos os dois na mesma conta, atenção. Embora... BARTOLOMEU. Sim, eu estou na conta dela e ela está na minha conta, também. (...) BARTOLOMEU. Quando não chegamos a acordo valemo-nos do tamanho. É a vantagem. BIANCA. Ele, como é maior do que eu, está a ver quem é que ganha, não é? BARTOLOMEU. O problema é que ela tem os olhos muita grandes e faz uma cara muita feia. E eu... Eia, pronto, está bem! É essa (...) (risos). BIANCA. Não, ganha o tamanho. BARTOLOMEU. (risos) não é nada... BIANCA. Ganha ele... Normalmente é. Eu acato tudo o que ele diz... (E13: assistente dentária, 38 anos; infográfico ilustrador, 38 anos; 2 filhos, 5 e 17 anos).

As alterações na gestão do dinheiro, resultantes de situações críticas, não são assumidas claramente, porventura na tentativa de salvaguardar os equilíbrios pré-existentes na relação e “poupar” o conjugue afetado pela situação de desvantagem ou perda (ex. desemprego, falência, perda financeira, etc.). Mas, na realidade, elas traduzem-se em muitos casos no reforço do poder de controlo (ou, pelo menos, de monitorização) do dinheiro familiar pelas mulheres, agora mais escasso. A Anita apresentou-se como doméstica, a quem o marido dá 150 euros semanais para governar a casa. Mas, ao longo da entrevista, fica claro que a sua absoluta subordinação cedeu face à situação crítica na empresa do marido, única fonte de rendimento da família.

ANITA. Só que quando eu vou a ver estava aquilo tudo, não é?... E eu não sabia o que é devia ou o que não devia... O que é que tinha ou o que não tinha, não é? A gente teve que saber os dois das coisas, não é? Pronto... Isso é uma situação que estava grande [uma dívida a fornecedores] e que agora já está mais pequenina. (...) Eu agora é que passo os cheques... Vou com ele e passo os cheques e sei para as datas que passo, e vou sempre andando a olhar no livro a ver o que está para passar. E, naquela altura, eu não fazia isso... Era ele. (...) E chego a acumular, este senhor... ANÍBAL. Oito mil e tal euros... ANITA. Oito mil e tal euros a acumular, este

senhor... (...) ANÍBAL. Só que as coisas [as vendas] começaram a diminuir e... ANITA. Pronto, começaram. Mas tu não começaste a fazer contas. É muito, não posso! E agora temos andado a pagar-lhe quinhentos euros por mês, mil euros por mês... Até que agora faltam mil e não sei quê euros, não é? ANÍBAL. Mil e duzentos euros... (...) ANITA. O dinheiro é ele que o guarda mas sou eu que escrevo, sou eu que passo os cheques, sou eu que vou vendo: "Olha, é isto! É aquilo!". Mas ele é que vai com o dinheiro... Ele gosta muito de contar o dinheiro. Eu também gostava de o contar (risos). (E44: doméstica, 48 anos; comerciante, 46 anos; 1 filha, 18 anos).

A Débora e ao Décio tinham contas bancárias individuais, que geriam autonomamente, sem preocupações. Mas a empresa dele faliu, obrigando agora a uma gestão apertada. A Débora afirma que a gestão é partilhada. Mas o discurso mostra que é ela que gere, controlando as contas, com particular atenção ao plano de pagamentos à Segurança Social que decorre da falência.

DÉBORA. São contas conjuntas e ambos temos cartões dessas duas contas, portanto... Já chegámos a ter outras contas, até. Ele tinha conta só dele, eu tinha conta só minha. (...) E à medida que as coisas foram acontecendo...[falência da empresa] essa também foi uma estratégia... (...) Portanto, a gente teve que se ajustar completamente. E a gestão é partilhada, neste momento. (...) Estamos a sanar dois planos de prestações da Segurança Social, por essa razão. (...) Mas sou eu que faço o controlo das contas... Vou no fundo vendo a que dia entra, pronto. Certificar-me de tudo... Fazer os pagamentos das prestações... Certificar-me que tudo vai... pronto... Mais ou menos controlado. Faço os pagamentos da natação, os pagamentos das escolas... Às vezes, eu digo-lhe: Olha, paga isto, paga aquilo, porque é uma questão de ser ele a ir buscar os miúdos. Mas é uma gestão partilhada a esse nível. Não tínhamos essa preocupação, antes. (...) Andávamos tranquilamente. Agora não... (...) Pelo menos duas vezes por semana vou lá, vejo... Olha isto, olha aquilo, as compras disto, as compras daquilo... (E28: técnica superior, 44 anos; empresário desempregado, 39 anos; 2 filhos, 6 e 8 anos).

5 Conclusões

Os resultados apresentados ilustram as vantagens das entrevistas diádicas conjuntas na investigação sobre processos e práticas de decisão financeira dos casais. A formulação do discurso, o conteúdo dos diálogos entre os conjugues, a eventual preponderância e assertividade de um deles e a tendência para o 'desabafo' de insatisfações que tende a instalar-se no decurso das entrevistas são exemplos de elementos informativos valiosos para a investigação.

Numa temática complexa e difícil de abordar para os protagonistas, este método é útil para a formulação inicial de problemas e hipóteses explicativas mas, também, para penetrar dimensões de análise inacessíveis por métodos alternativos, como aqui exemplificam algumas situações em que a representação que os conjugues assumiram sobre a sua situação provou não corresponder propriamente às suas vivências e práticas efetivas.

Referências

- Allan, G. (1980). A note on interviewing spouses together. *Journal of Marriage and the Family*, 42(1), 205-210.
- Ashby, K., & Burgoyne, C. (2008). Separate Financial Entities? Beyond Categories of Money Management. *Journal of SocioEconomics*, 37, 458-480.
- Bennet, F. (2013). Researching Within-Household Distribution: Overview, Developments, Debates, and Methodological Challenges. *Journal of Marriage and Family*, 75, 582-597.
- Bennett, F., De Henau, J., & Sung, S. (2010). Within household inequalities across classes? Management and control of money. In J. Scott, R. Crompton, & C. Lyonette (Eds.), *Gender*

- inequalities in the 21st century: New barriers and continuing constraints*. Cheltenham: Edward Elgar, 215 – 241.
- Bjørnholt, M., & Farstad, G. R. (2014). 'Am I rambling?' On the advantages of interviewing couples together. *Qualitative Research*, 14(1), 3–19. DOI: 10.1177/1468794112459671
- Burgoyne, C., Reibstein, J., Edmunds, A., & Dolman, V. (2007). Money Management Systems in Early Marriage: Factors Influencing Change and Stability. *Journal of Economic Psychology*, 28, 214-228.
- Cantillon, S. (2013). Measuring differences in living standards within households. *Journal of Marriage and Family*, 75, 598 – 610.
- Coelho, L. (2013). O meu, o teu, o nosso dinheiro: Contributos para o estudo da gestão das finanças conjugais em Portugal. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 101, 89-110. <http://rccs.revues.org/5378>
- Coelho, L., & Ferreira-Valente, A. (2016). Money and Marriage: Couple's Choices and their Predictors. *Revista Española de Investigaciones Sociológicas*, 156, 21–40.
- Eisikovits, Z., & Koren, C. (2010). Approaches to and outcomes of dyadic interview analysis. *Qualitative Health Research*, 20(12), 1642-1655. DOI: 10.1177/1049732310376520
- Evertsson, L., & Nyman, C. (2012) Perceptions and Practices in Independent Management: Blurring the Boundaries between 'Mine', 'Yours' and 'Ours', *Journal of Family Economic Issues*, 33, 389-506.
- Guest, G., Bunce, A., Johnson, L. (2006). How many in-terviews are enough: an experiment with data saturation and variability. *Field Methods*, 18, 58-82.
- Haddad, L., & Kanbur, R. (1990). How Serious is the Neglect of Intra-Household Inequality. *Economic Journal*, 100, 866-881.
- Heimdal, K., & Houseknecht, S. (2003). Cohabiting and Married Couples' Income Organization: Approaches in Sweden and the United States, *Journal of Marriage and Family*, 65(3), 525-538.
- Heaphy, B., & Einarsdottir, A. (2012). Scripting civil partnerships: interviewing couples together and apart. *Qualitative Research*, 13(1), 53–70. DOI: 10.1177/1468794112454997.
- Iacovou, M., & Skew, A. (2011). Household Composition across the New Europe: Where do the new Member States fit in?. *Demographic Research*, 25, 465-490.
- Kenney, C. (2006). The Power of the Purse: Allocative Systems and Inequality in Couple Households. *Gender Society*, 20, 354-381.
- Kirchler, E., Rodler, C., Holzl, E., & Meier, K. (2001). *Conflict and Decision-Making in Close relationships. Love, Money and Daily Routines*. Hove, Reino Unido: Psychology Press.
- Ludwig-Mayerhofer, W., Gartner, H., & Allmendinger, J. (2006). The Allocation of Money in Couples: The End of Inequality? *Zeitschrift für Soziologie*, 35(3), 212-226.
- Ludwig-Mayerhofer, W., Allmendinger, J., Hirsland, A., & Schneider, W. (2011). The Power of Money in Dual-earner Couples: A Comparative Study. *Acta Sociologica*, 54(4), 367-383.
- Mauthner, M. (2000). Snippets and silences: Ethics and reflexivity in narratives of sistering. *International Journal of Social Research Methodology*, 3(4), 287-306.

- Morris, S. M. (2001). Joint and individual interviewing in the context of cancer. *Qualitative Health Research*, 11(4), 553-567.
- Nagy, I., Medgyesi, M., & Lelkes, O. (2012). *The 2010 Ad hoc EU SILC module on the intra-household sharing of resources*. Research Note 3/2012, Social Situation Observatory.
- Nyman, C., & Reinikainen, L., Stocks, J. (2013). Reflections on a Cross-national Qualitative Study of Within-household Finances, *Journal of Marriage and Family*, 75, 640-650.
- Oropesa, R. S., Landale, N. S., & Kenkre, T. (2003). Income allocation in marital and cohabiting unions: The case of mainland Puerto Ricans. *Journal of Marriage and Family*, 65(4), 910-926.
- Pahl, J. (1983). The allocation of money and the structuring of inequality within marriage. *The Sociological Review* 31(2), 237–262.
- Pahl, J. (1989). *Money and Marriage*, London: Macmillan.
- Pahl, J. (1995). His Money, her Money: Recent Research in Financial Organisation in Marriage. *Journal of Economic Psychology*, 16(3), 361-376.
- Pahl, J. (2000). The Gendering of Spending within Households. *Radical Statistics*, 75(Autumn), 38-48.
- Pahl, J. (2008). Family Finances, Individualisation, Spending Patterns and Access to Credit. *Journal of Socio-Economics*, 37, 577-591.
- Taylor, B. & de Vocht, H. (2011). Interviewing separately or as couples? Considerations of authenticity of method. *Qualitative Health Research*, 21(11), 1576-1587. DOI: 10.1177/1049732311415288
- Torgé, C. J. (2013). Using conjoint interviews with couples that have been living with disabilities and illnesses for a long time – implications and insights. *Qualitative Studies*, 4(2), 100-113.
- Vogler, C. (1998). Money in the Household: Some Underlying Issues of Power. *Sociological Review*, 46(4), 687-713.
- Vogler, C. Brockmann, M. & Wiggins, R. (2006). Intimate Relationships and Changing Patterns of Money Management at the Beginning of the Twenty-First Century. *The British Journal of Sociology*, 57(3), 455-482.
- Vogler, C., Brockmann, M., & Wiggins, R. (2008). Managing Money in New Heterosexual Forms of Intimate Relationships. *Journal of Socio Economics*, 37(2), 552-576.
- Vogler, C., & Pahl, J. (1993). Social and Economic Change and the Organization of Money in Marriage. *Work, Employment and Society*, 7, 71-95.
- Vogler, C., & Pahl, J. (1994). Money, Power and Inequality within Marriage. *The Sociological Review*, 42(2), 263-289.
- Woolley, F. (2003). Control over money in marriage. In S. A. Grossbard-Shechtman (Ed.), *Marriage and the economy: Theory and evidence from advanced industrial societies*. New York: Cambridge University Press, 105-128.
- Yodanis, C., & Lauer, S. (2007). Managing money in marriage: Multilevel and cross-national effects of the breadwinner role. *Journal of Marriage and Family*, 69(5), 1307-1325.